

ESTUDO DAS VARIANTES UTILIZADAS EM DUAS CAPITAIS SUL-BRASILEIRAS PARA DESIGNAR CONCEITOS RELACIONADOS A “TEMPO”

Paula Garcia de Freitas*
Felício Wessling Margotti**

Resumo: O estudo das palavras utilizadas por um grupo social pode ser o fio condutor para avaliar o conhecimento desse grupo. Assim sendo, este trabalho propõe-se a investigar a relação que comunidades têm com o “tempo” por meio do levantamento das palavras que utilizam para designar conceitos relacionados a ele. Para tanto, optou-se pela análise das respostas dadas por dezesseis informantes de duas localidades, Florianópolis e Curitiba, ao questionário semântico lexical (QSL) relativo ao campo semântico de astros e tempo, no âmbito do Projeto ALIB (Atlas linguístico do Brasil). Por meio deste estudo, pôde-se constatar que os habitantes das duas capitais estudadas nesta pesquisa utilizam termos distintos para descrever as diferentes partes do dia e a relação temporal. Pode-se dizer também que os informantes das duas localidades não utilizam termos relacionados a estrelas ou outros fenômenos siderais para se referirem ao início e fim do dia.

Palavras-chave: Variantes linguísticas; ALIB; dialetologia; tempo.

Abstract: The study of the words used by a social group can be the conduit to assess the knowledge of this group. Thus, this study aims to investigate the relationship that communities have with the “time” through the survey of the words they use to describe it. To this end, we decided to examine the replies given by sixteen informants at two locations, Florianopolis and Curitiba, to the lexical semantic questionnaire (LSQ) on the semantic field of stars and time, under the Project ALIB (Linguistic Atlas of Brazil). Through this study, it was found that the inhabitants of the capital,

* Universidade Federal do Paraná.

** Universidade Federal de Santa Catarina.

in particular the two that are the subject of this research, have a little relationship with the terms that describe the different parts of the day, especially those that detail the phenomena. We can also say that they don't use terms related with the stars or other sidereal phenomena to refer to the beginning and the end of the day.

Keywords: Linguistic variants; ALIB; dialectology; time.

Introdução

O estudo sobre o léxico permite compreender os conceitos e as ocorrências da vida cotidiana, por ser modelo e modelador de cultura. Para Matoré (1953, p. 37), a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, assumindo um valor coletivo: há uma socialidade própria da língua. Assim, língua e cultura estão intimamente ligadas e são indissociáveis.

O vocabulário, símbolo verbal da cultura, perpetua a herança cultural através dos signos verbais (BIDERMAN, 1989, p. 5). Entretanto, o léxico de uma língua viva é essencialmente móvel: palavras surgem e palavras desaparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflete-lhe o destino: como ele, nasce, vive, transforma-se, adocece, morre e, até, ressuscita (PEREIRA, 1932, p. 88).

Bem como a língua, a palavra e a cultura, o tempo também é uma construção social. Elias (1998, p. 22) propõe que a regulação social do tempo assume um aspecto individual desde uma etapa muito precoce da vida, contribuindo para consolidar nossa consciência pessoal de tempo e torná-la inabalável.

Para Pinker (2008), o tempo é o meio em que objetos e fatos de nossas experiências são situados. Sendo assim, as pessoas nas sociedades do mundo inteiro ordenam os acontecimentos e, segundo o autor, “nossa consciência desenrola-se no tempo” (PINKER, 2008, p. 218).

Acompanhamos o passar do tempo nas palavras e nas construções de nosso idioma. Em muitas línguas, a ordenação dos

acontecimentos é expressa em advérbios como *ontem* ou *bá muito tempo atrás*. Como aponta o autor (PINKER, 2008, p. 219), em cerca de metade dos idiomas do mundo, ela está embutida na gramática na forma de tempo verbal.

Ainda conforme Pinker (2008), os tempos verbais de um idioma picam a fita do tempo em alguns segmentos, como o presente especioso, o futuro até a eternidade e a história do universo anterior ao momento em que se fala.

Entretanto, nenhum sistema gramatical encara o tempo a partir de um ponto de partida fixo, nem usa unidades numéricas constantes como segundos e minutos para determinar o tempo. Isso torna a localização de acontecimentos no tempo extremamente vaga.

Para tornar a localização no tempo um pouco mais precisa, valemo-nos de expressões numéricas (*trezentos e sessenta e cinco dias*), instruções de trajeto (*bá dois anos atrás*) e datas e momentos (*sete e quarenta e dois da noite, dezesseis de maio*). Pinker (2008, p. 220) aponta que, se nos restringirmos a palavras e compostos simples ao invés de expressões, as distinções caem para dezenas: para números, umas poucas palavras como *um e dois*; para o espaço, preposições como *através* e *ao longo de*; para o tempo, advérbios como *agora e ontem*.

A imprecisão na maneira como as línguas expressam o tempo está relacionada à imprecisão na forma como vivemos e nos lembramos dele. A experiência humana do tempo é relativa e, obviamente, subjetiva.

As línguas, a exemplo do português, dispõem de diferentes palavras para localizar o tempo na fala. Elas oferecem, conforme Elias (1998, p. 56), padrão, uniformidade e repetição para a organização de nossas rotinas diárias. Tempo e atividade estão correlacionados, porque, segundo o autor, medições do tempo permitem ao homem uma certa regularidade e previsibilidade diante da vida, movimento e atividade.

Assim, segundas-feiras repetem-se após domingos, dias de trabalho são intercalados por dias de folga, em um modelo sequencial que permite às pessoas se organizarem e programarem suas

atividades em função do tempo. A regularidade das medidas temporais pode, assim, oferecer maior previsibilidade do próprio cotidiano.

Embora a língua disponha de diferentes palavras para designar conceitos relacionados a “tempo”, de acordo com o grupo social, com a história e a realidade, as pessoas escolhem as palavras que funcionam melhor e que respondem às necessidades de seu grupo. Desse modo,

o que chamamos **tempo** é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e, em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou, também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos [...]” (ELIAS, 1998, p. 84, negrito do autor)

O tempo cumpre funções de orientação do homem diante do mundo em que vive e de regulação da convivência humana. Um homem do campo, por exemplo, terá necessidades diferentes de um homem da cidade, e usará, portanto, palavras diferentes para localizar o tempo na fala. Um homem que vive na capital poderá escolher outras para fazerem parte do seu repertório linguístico. Nesse sentido, língua e cultura formam um todo indissociável que é adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos e se reflete no uso das palavras.

As pesquisas em dialetologia e geolinguística podem contribuir para um estudo etnográfico do valor “tempo” em diferentes comunidades, uma vez que o conhecimento de mundo influencia no léxico de uma cultura. Nesse sentido, valer-nos-emos de pesquisas no âmbito da dialetologia e geolinguística para verificar a relação que as pessoas que vivem em duas capitais brasileiras têm com as palavras utilizadas para designar conceitos relacionados a “tempo”. Essa relação, como já apontado anteriormente, é reflexo das exigências cotidianas, da história da localidade e da própria subjetividade, mas se manifesta também pelo uso das palavras.

Analisaremos as respostas dadas por 16 informantes – oito informantes de cada localidade – ao questionário semântico lexical (QSL) relativo ao campo semântico “astros e tempo” no âmbito do Projeto ALIB – Atlas linguístico do Brasil. Para este trabalho, optamos por analisar as respostas dadas por informantes das cidades de Florianópolis e Curitiba, ambas da região sul, mas com histórias e influências completamente distintas. Um estudo mais aprofundado poderia incluir a outra capital sulina ou mesmo todas as capitais brasileiras, mas esse não foi o intento desta pesquisa.

Apresentaremos nas seções seguintes o projeto ALIB e o QSL, objeto de nossa análise, o perfil dos informantes de cada uma das localidades, a análise dos dados e, na última seção, a conclusão a que chegamos.

1. Projeto ALIB e questionário semântico-lexical (QSL)

Nosso objeto de análise foram as respostas dadas ao Questionário Semântico-Lexical no âmbito do projeto ALIB, Atlas Linguístico do Brasil.

O projeto ALIB tem o objetivo de elaborar um atlas da língua portuguesa do Brasil, considerando as implicações sociais da língua. Foi idealizado nos anos 50, mas ganha corpo a partir de 1996 por meio do Comitê Nacional do Projeto ALIB, composto por professores e pesquisadores de diversas regiões do país.

O atlas tem o objetivo de descrever a realidade linguística brasileira no que diz respeito à língua portuguesa, priorizando as diferenças diatópicas. Além disso, o material é de grande importância, pois poderá auxiliar nas pesquisas em outras áreas do conhecimento por fornecer um grande volume de dados e evidenciando as diferenças regionais por meio dos resultados.

Para a coleta de dados, recorreram-se à elaboração e à aplicação de questionários linguísticos. Os questionários dão parâmetros para a coleta de dados em todo o território nacional, possibilitando o confronto das respostas.

Trata-se de quatro questionários com objetivos distintos: (1) questionário fonético-fonológico, que visa a identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos já documentados; (2) questionário semântico-lexical, que tem como objetivo a coleta das palavras mais usadas em determinada localidade; (3) questionário morfossintático, que objetiva apurar as variantes diatópicas nas construções sintáticas e morfológicas; e (4) questões de pragmática, que visa a verificar as diferentes formas de tratamento utilizadas em todo o país, influenciadas pelas questões sociais. Há ainda três outras maneiras de coletar dados: (5) temas para discursos semidirigidos, para verificar as diferenças diafásicas através de um discurso mais informal do informante; (6) perguntas metalinguísticas, para verificar o grau de consciência linguística dos informantes; e (7) texto para leitura, em que um texto é lido pelo informante.

Para esta pesquisa levamos em consideração o questionário semântico-lexical (QSL), que tem uma orientação predominantemente onomasiológica, isto é, objetiva identificar as diferentes palavras ou expressões linguísticas designativas do mesmo referente. O objetivo desse questionário é a documentação do registro coloquial do falante para as formas mais usuais de emprego de determinados itens linguísticos em determinada localidade. Vale salientar que não se priorizam regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupo, mas sim a documentação da riqueza sinonímica.

O QSL é composto por 202 perguntas, que englobam 14 áreas semânticas: (1) acidentes geográficos; (2) fenômenos atmosféricos; (3) astros e tempo; (4) atividades agro-pastoris; (5) fauna; (6) corpo humano; (7) ciclos da vida; (8) convívio e comportamento social; (9) religião e crenças; (10) jogos e diversões infantis; (11) habitação; (12) alimentação e cozinha; (13) vestuário e acessórios; e (14) vida urbana. Para este estudo semântico sobre as palavras utilizadas para localizar o “tempo”, consideraremos as respostas dadas ao QSL relativo ao campo semântico (3) – astros e tempo –, que consiste em 16 perguntas (cf. anexo).

No questionário, as perguntas são antecedidas de uma ou mais possibilidades para guiar o inquiridor na realização das entrevistas e saber quais respostas esperar. Ressalta-se que essas não são consideradas respostas únicas, porque, como dito, pretende-se coletar as formas de emprego mais gerais da localidade.

2. Perfil dos informantes

Nas pesquisas do projeto ALIB, os questionários são aplicados em informantes oriundos da localidade estudada e de pais também da área, procurando atender a questões espaciais. O perfil dos informantes inclui o controle de variáveis sociais, tais como idade (de 18 a 30 anos e de 50 a 65anos), ambos os sexos e, nas capitais, também a escolaridade (fundamental e superior).

Para esta pesquisa analisamos as respostas dadas ao QSL por informantes oriundos das capitais brasileiras de Curitiba e Florianópolis. São 16 entrevistas, sendo 8 de cada localidade, que incluem informantes pertencentes aos grupos acima descritos. Cada localidade é identificada com um código de três dígitos – no caso desta pesquisa são os códigos 220 para Curitiba e 230 para Florianópolis – seguidos por uma barra e um número que identifica o informante. De 1 a 4 são informantes com nível de escolaridade primário e os números de 5 a 8 referem-se a informantes universitários. A distinção de sexo é determinada pelos mesmos números: os números pares (2, 4, 6 e 8) identificam os informantes de sexo feminino, enquanto os números ímpares (1, 3, 5 e 7) correspondem a informantes de sexo masculino. Quanto à idade, os números 1, 2, 5 e 6 identificam os informantes de 18 a 30 anos, e os números 3, 4, 7 e 8 identificam os informantes de 50 a 65 anos. Como dito anteriormente, um levantamento de toda a região sul ou mesmo de todo o país é de grande importância, podendo ser objeto de trabalhos futuros. Em nosso presente estudo, limitamo-nos a apuração dos dados dessas duas cidades.

Florianópolis é a capital do Estado de Santa Catarina. Situada no litoral e também conhecida como *Ilha da Magia*, a

cidade foi fundada por bandeirantes paulistas na segunda metade do séc. XVII (então chamada *Nossa Senhora do Desterro*) e não teve vida urbana antes da colonização açoriana em 1739, quando fora destinada pela coroa portuguesa a supri-la de alimentos e manufaturas. Hoje, Florianópolis é uma cidade que abriga pessoas advindas de diversas regiões do país, mas tem sua fala fortemente caracterizada por ritmo próprio e pela realização de [s] e [z] palatalizados. Essas marcas fonológicas são herança da colonização açoriana e, como afirma Ilson Rodrigues, nativo da região, trata-se de uma “corruptela da língua portuguesa, que resiste às mudanças e encanta qualquer pessoa que desembarque”¹ na cidade.

Curitiba tem uma história um pouco mais antiga: em 1668 já adquiria a condição de se tornar vila, e em 1701 já contava com 1.400 habitantes, resultado da miscigenação entre índios, portugueses e espanhóis, populações existentes no local até então. No início do século XVIII, caravanas de tropeiros abriram o caminho para o transporte de gado desde o Rio Grande do Sul até a baixada paulista e os campos de Minas Gerais. Nesse trajeto passava-se por Curitiba, impulsionando o comércio da região. Curitiba ultrapassou Paranaguá em importância, assumindo a sede da Comarca, em 1812. Em 1842 a vila passou à categoria de cidade. O Paraná era, então, uma comarca de São Paulo. Sua emancipação para província do Paraná se deu em 19 de dezembro de 1853 e, em 26 de julho de 1854, Curitiba tornou-se a capital da província com 5.819 habitantes. A partir do século XIX, Curitiba passou a receber uma grande quantidade de imigrantes europeus e asiáticos, transformando-se em muitos aspectos.

As transformações e as influências de outros povos no desenvolvimento das duas cidades se refletem também na língua. A língua oficial de ambas as cidades é o português, mas a variação

¹ Extraído do site: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/loripa-285/19,0,3228064,Mas-que-lingua-e-essa.html>>. Acesso em 25 abr. 2011.

não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático que impeçam o entendimento entre os nativos dessas regiões.

Vale ressaltar, porém, que há exemplos de variação diatópica – no âmbito fonológico, morfossintático e lexical, principalmente – que determinam o falar dos informantes de cada região. No caso analisado nesta pesquisa, podemos dizer que a mesma realidade é expressa, conforme a região, por palavras diferentes (e de acordo com o perfil do informante, é diferente também dentro da própria região). É o que veremos na seção a seguir.

3. Análise dos dados

Como antecipamos na seção introdutória deste trabalho, a experiência humana do tempo é relativa. Para designar conceitos relacionados ao tempo, valemo-nos de expressões e advérbios que ancoram os acontecimentos em uma linha imaginária comumente denominada como *linha do tempo*.

No léxico da língua portuguesa, há diversas palavras para designar conceitos relacionados ao tempo, mas de acordo com as necessidades e com as experiências da própria comunidade, essas palavras são usadas em maior ou menor frequência. Neste estudo, analisamos os dados extraídos do banco de dados do ALIB referentes às localidades de Florianópolis e Curitiba, no que concerne ao campo semântico *astros e tempo* do QSL.

Embora as duas cidades sejam da região sul e relativamente próximas, utilizam palavras diferentes para designar conceitos relacionados a “tempo”. Mesmo assim, é possível identificar três palavras – na verdade, locuções – principais para designar os diferentes momentos do dia na fala dos informantes das duas localidades: *de manhã*, *de tarde* e *de noite*. Não há no questionário nenhuma pergunta específica para saber em quantas partes dividem o tempo ou quais são os momentos do dia, mas, ao responderem à questão 22 (sobre a parte do dia quando começa a clarear), à questão 27 (sobre o momento em que o sol se põe) e à questão 28 (sobre o

começo da noite), a maior parte dos habitantes respondeu com as formas *de manhã*, *de tarde* e *de noite*, respectivamente.

A resposta mais frequente à questão 22 (sobre a parte do dia quando começa a clarear) foi *de manhã*. Em Florianópolis, 4 informantes responderam com a locução *de manhã*, 3 optaram por *amanhecer* e 1 informante respondeu com a forma *barra do dia*. Em Curitiba, a forma que prevaleceu como resposta foi *amanhecer* e suas variações (*amanhecer* [2 infs.], *amanhecendo* [2] e *manhecê* [1]). Apenas 1 informante respondeu à pergunta com *de manhã* e outros informantes deram como resposta *alvorada* (1 inf.) e *clarear o dia* (1 inf.).

Há mais duas perguntas sobre o período da manhã no QSL: a questão 23 (sobre o que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear) e a questão 24 (que visa a identificar por quais nomes os informantes chama a claridade avermelhada antes de amanhecer).

Para a questão 23, informantes de Florianópolis responderam com fórmulas como *o sol nasce* (4 infs.), *o sol sai* (2), *o sol aparece* (1) ou *clareia o dia* (1). Em Curitiba, *o sol nasce* para 3 informantes, *o sol aparece* para mais 3 informantes, *o sol sai* para apenas 1 informante e outro informante acredita que *clareia o dia*.

Para a questão 24 (sobre o nome que se dá a luz avermelhada antes do amanhecer), a resposta que guia os inquiridores é *alvorada*. Entretanto, esta resposta foi dada apenas por 1 informante, oriundo da cidade de Florianópolis. Outros 2 informantes desta localidade expressam, sem muita certeza, opiniões como *nuvem vermelha* (1 inf.) e *nascente do sol* (1). Em Curitiba, somente 3 informantes arriscam um palpite: um deles opta por *raio de sol*, outro por *nascer do sol* e o último por *alvorecer*. 5 informantes de cada uma das localidades não responderam a essa pergunta. Para estes 10 entrevistados, não há um nome específico para esse momento do dia. Um informante da cidade de Florianópolis diz, ironicamente, que acorda tarde e por isso não sabe como se chama esse momento do dia. Os demais

notam a diferença de cores no céu, alguns ressaltam a sua beleza, mas afirmam não se lembrarem do nome específico do momento.

O QSL propõe quatro perguntas que visam a verificar quais variantes são utilizadas para designar conceitos relacionados ao final da tarde/ anoitecer (perguntas 25 a 28).

A questão 25, por exemplo, objetiva saber o que acontece no céu no final da tarde. Para 2 informantes de cada uma das localidades, o que acontece no final da tarde é diretamente o *anoitecer*. O termo *pôr-do-sol* é citado por apenas 3 informantes, sendo 2 da cidade de Florianópolis e 1 da cidade de Curitiba. Os demais enfatizam a ação do sol: *o sol se esconde*, segundo um informante de Curitiba; *o sol vai se opondo, se pono* (1 inf. de Florianópolis e 1 de Curitiba, respectivamente), *o sol se põe* (2 infs. de Florianópolis e 1 de Curitiba); *desaparece* (1 informante de Curitiba); *desce* (1 inf. de Curitiba); ou *vai entrando* (1 inf. de Florianópolis).

A luz avermelhada do final da tarde (questão 26) é nomeada como *crepúsculo*, resposta que guia o inquiridor, apenas por 1 informante de Florianópolis, que faz questão de enfatizar que o termo “não é muito usual”; ele mesmo nunca ouviu falar. Outros informantes da cidade de Florianópolis nomeiam o momento como *fim da tarde* (1), *sol se escondendo* (1) e *céu encarnado* (1). Na cidade de Curitiba, 2 informantes chamam o momento de *pôr-do-sol* e 1 de *entardecer*. 9 informantes não responderam a essa questão, sendo 4 de Curitiba e 5 de Florianópolis.

O que acontece quando o sol se põe (questão 27) é nomeado como *entardecer* por 2 informantes da cidade de Curitiba. Na cidade de Florianópolis a maior parte das respostas indicou para *final da tarde* (2), *final do dia* (1), *tarde* (1) e *tardinha* (2), enquanto que em Curitiba o fenômeno foi nomeado como *pôr-do-sol* (2), *tarde* (2), *entardecer* (1) e *escurecer* (1). Um dos participantes dessa cidade se lembra do termo *arrebol*, que, segundo o dicionário Aulete Digital (LEXICON, 2007), indica a cor rubra visível no céu ao amanhecer ou ao pôr do sol. Vale salientar

que este não foi o primeiro termo que veio a mente do informante de nível universitário. Dois dos informantes, um de cada cidade, deu o nome de *poente* para esse momento do dia. Um informante de Florianópolis não respondeu a essa pergunta.

O começo da noite (questão 28) é chamado de *anoitecer* (ou suas variantes verbais *anoitecendo*, *anoitece* e *começa a anoitecer*) por 7 informantes, sendo 4 deles de Florianópolis e 3 de Curitiba. Em Florianópolis, a resposta mais ouvida pelos inquiridores foi *noitinba* (3), seguida por *boca da noite* (2). Em Curitiba, há apenas 1 ocorrência de *noitinba* e 2 de *noite*. Um informante desta última localidade respondeu a pergunta com o adjetivo *escuro*.

Pelas respostas dadas às questões de 25 a 28, percebemos que os termos usados pelos informantes para designar o limiar do final da tarde/início da noite se intercalam para a definição de momentos diferentes, não havendo uma ordem para descrever um linear dos momentos. Um informante de Florianópolis, entretanto, ensaia uma ordem para diferenciar tais períodos, indo além e explicando toda a jornada:

(028)

INQ.- E o nome assim pro começo da noite?

INF.- O começo da noite? Boca da noite [ÇbokadaÈnojtI].

INQ.- Tem outro nome?

INF.- Não, Boca da noite. Tarde aqui é quando, tem a tarde, à tardinha quando o sol tá ((inint)) e boca da noite quando já escurece. Aí depois vem a madrugada. A madrugada é da meia-noite em diante. É madrugada. Aí depois já começa, vai amanhecê o dia, aí que já começa das cinco hora em diante, vai amanhecê o dia.

INQ.- Como é que a gente sabe que vai amanhecer o dia?

INF.- É quando começa a clareá e o passarinho, o passarinho e os galo cantando ((risos)).

INQ.- ((risos)).

Algumas culturas definem o tempo com o uso de expressões e advérbios, outras invocam os astros. Nas capitais

analisadas, este último não é o recurso mais utilizado, pois a maior parte dos informantes não mencionou os astros ao responder as questões de 29 a 33, que procuram descobrir o conhecimento dos informantes sobre: (a) a estrela que brilha pela manhã; (b) a estrela que brilha no período da tarde; (c) a estrela que se desloca no céu deixando um risco; e (d) o verbo utilizado para expressar o movimento dessa estrela.

Observamos a presença do item lexical *estrela cadente* para designar as diferentes estrelas solicitadas. Foram 2 ocorrências em Florianópolis para designar a estrela que brilha mais pela manhã e 2 para designar a que brilha mais à tarde. Em Curitiba não houve casos desse tipo.

Para designar a estrela que brilha mais pela manhã (questão 29 do QSL), 5 habitantes de Florianópolis arriscam um palpite, sendo apenas 3 os que usaram o nome da estrela de referência no QSL: *estrela d'alva*. Dois optam pelo termo *estrela cadente* e 3 não respondem a essa pergunta. Em Curitiba, 5 informantes respondem a pergunta e todos dão nomes possíveis para a estrela: 2 pessoas a chamam de *estrela d'alva*, 1 de *estrela da manhã*, 1 de *estrela matutina* e 1 de *Vênus*. Dois outros informantes não opinam a respeito e um deles cita as *Três Marias* e o *Cruzeiro do Sul*, atentando-se posteriormente para o fato de se tratarem de constelações.

Sobre a estrela que brilha mais à tarde, quase 70% dos informantes não responderam. Apenas 2 informantes de Curitiba responderam *estrela vespertina* e 2 informantes de Florianópolis arriscam *Cruzeiro do Sul* e *estrela cadente*. Tal fato confirma que o conhecimento de astros e estrelas não é de grande importância para os habitantes das duas capitais, que afirmam não atentar para as estrelas.

Para as representações de fatos passados, utilizamos, em português, os tempos verbais do passado (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito). As marcas verbais de pessoa e tempo ajudam a determinar quem fez o quê e quando o fez. No entanto, apenas a marca temporal não situa o tempo precisamente, de modo

que fazemos uso de advérbios para tentar localizar mais precisamente essas ações no tempo. O QSL do campo semântico *astros e tempo* propõe três perguntas que visam a verificar quais palavras são usadas para determinar a ação no tempo referente a três dias distintos: a véspera do dia em que se encontra o falante (*ontem*), o dia anterior ao dia de ontem (*anteontem*) e o dia anterior a anteontem.

Observamos que nas duas capitais, a véspera do dia em que se encontra o falante são conhecidas e reconhecidas como formas para a comunicação por todos os informantes, mesmo com variações fonológicas: *ontem* ['õtẽ] e ['õtẽ]; *onte* ['õtɪ], ['õtɪ] e ['õte].

O mesmo ocorre para a antevéspera do dia em que o falante se encontra: *anteontem* é reconhecido por todos os informantes como o termo para falar sobre esse dia; entretanto, apresenta distinções. Em Florianópolis, houve a incidência de *anteontem* [ɨẽte'õtʃɪ] e [ɨẽtʃɪ'õtẽ], *onteontem* [ɨõtɪ'õtɪ], e *antesdontem* [ɨẽtʃɪs'dõtẽ]. Em Curitiba, a versão mais ouvida pelo inquiridor foi *antes de ontem*, ainda que com variações fonológicas: [ɨõtʃɪzdʒi'õtɪ], [ɨẽte'õtẽ], [ɨẽtʃɪ'õtẽ], [ɨẽtʃɪzde'õtẽ], [ɨõtʃɪ'õtɪ] e [ɨẽtizde'õtẽ].

As diferenças tidas neste trabalho como de caráter fonológico, na verdade geram dúvida ao usuário da língua sobre qual termo realmente traz consigo a carga de significado “dia anterior ao dia de ontem”, se *anteontem* ou *antes de ontem*. Em um site² para esclarecimentos de dúvidas sobre a língua portuguesa, encontramos que ambas as formas estão corretas do ponto de vista linguístico, isto é, ambas podem ser usadas com esse significado. Contudo, o site informa que, quando se quer referir rigorosamente ao dia anterior a ontem, é preferível o uso do advérbio *anteontem*, porque *antes de ontem*, semanticamente, pode não transmitir com precisão a mesma ideia. Com a estrutura, adverte o site, pode-se entender que se trata de qualquer dia anterior ao dia de ontem.

No que diz respeito ao dia anterior a esse, encontramos diferenças importantes. Em Florianópolis, 5 informantes usam o

² <<http://emporuguescorrecto.blogs.sapo.pt/7812.html>>. Acesso em 27 maio 2011.

termo *tresantontem* em suas várias formas: [ˌtrejzõ'tõtɪ], [ˌtrezõ'tõtʃɪ], [ˌtrejzõ'tõtʃɪ], [ˌtrejzõ'tõtɪ] e [ˌtrejzẽ'tõtɪ] para designar o dia que antecede o anteontem. No dicionário Aulete Digital (2007), a forma dicionarizada e tida como referência para os inquiridores – *trasantontem* – não foi nomeada nenhuma vez nesta localidade, sendo a variante *tresantontem*, também presente no dicionário, a que ocorreu em maior escala.

Em Curitiba, os informantes parecem preferir utilizar outras formas para designar o conceito, como especificando o próprio dia em que ocorreu o fato para uma localização mais exata do evento, em sua forma numérica (*dia 5* – 1 caso) ou pelo dia da semana (*sábado* e *quarta* – 2 casos). Quatro informantes optam pela versão *antes de anteontem* em suas variações *antes de onte de ontis* [ˌɛ̃tʃɪzde,õtedẽ'õtʃɪs], *antes de ontiontem* [ˌɛ̃tɪzdi,õtʃɪ'õtẽ̃], *ante ante ontem* [ˌɛ̃te,ẽte'õtẽ̃], *antes de anteontem* [ˌɛ̃tʃɪz,dõtʃɪ'dõtʃɪ]. Um informante desta localidade usa a estrutura *anteonte de novo* [ˌɛ̃tʃɪ,õtẽ̃di'novu] e apenas um informante, mulher e de nível universitário, arrisca um termo diferente do que habitualmente é usado na cidade, como vemos no excerto a seguir:

(038)

INQ.- E terça?

INF.- (...) Terça? Foi o segundo dia da semana. (risos)

Porque, às vezes a gente brincando diz tráis onteontem [ˌ'trajs õtʃɪ'õtẽ̃], tráis onteontem, eu não sei se isso existe.

INQ.- Existe.

INF.- É? Eu pensei que era...

INQ.- Tá lá no dicionário.

INF.- Ah é?

INQ.- Opa!

Os informantes de Florianópolis parecem perceber que o uso de *tresantontem* é próprio da região. Um dos informantes desta localidade afirma que ele mesmo não usa o termo, “mas é comum falar treisontonte”. Outros enfatizam que “é comum falar assim” na região, e caem no riso.

Conclusão

Por meio do presente estudo de caráter dialetológico e geolinguístico, pudemos verificar quais expressões ou advérbios são utilizados pelos habitantes de Curitiba e Florianópolis para a localização de um evento na fala. Embora se trate de duas capitais, isto é, dois núcleos urbanos da região sul, há diferenças entre que acreditamos estarem ligadas a história de cada uma delas, à subjetividade dos seus indivíduos e às exigências cotidianas de cada uma das localidades.

Pudemos identificar, por meio das respostas ao QSL, que os falantes das duas comunidades dividem o dia em três grandes períodos: *de manhã*, *de tarde* e *de noite*. Os termos existentes para especificar diferentes momentos da manhã, da tarde e da noite parecem não precisar ser definidos e distintos, já que poucos foram os casos em que o inquiridor não teve que dar mais de uma pista para que o informante desse uma resposta condizente com a que tinha como referência.

Períodos limiares entre a manhã, a tarde e a noite parecem não ter distinção nas comunidades analisadas. Isso porque termos como *crepúsculo*, *alvorada* e seus sinônimos não tiveram um grande número de respostas. Outro período que parece não precisar de distinção é o limiar entre o final da tarde e o início da noite, sendo os termos *noitinha* ou *tardinha* utilizados para definir o mesmo momento.

O uso de termos associados aos astros para indicar momentos do dia também não faz parte da realidade dos informantes das duas localidades. Um dos participantes nascidos em Florianópolis diz que os pescadores usam muito, mas ele não saberia responder àquela pergunta. Outros arriscaram palpites como *estrela cadente* ou *Cruzeiro do Sul*, por serem, talvez, as únicas referências ao mundo das estrelas que tenham. As pessoas das grandes cidades não usam mais esse artifício para se localizar no tempo e, especialmente os informantes das cidades estudadas, dizem não atentar para os astros.

No que diz respeito a localização dos eventos nos dias (*ontem, anteontem e trasantontem*), encontramos diferenças fonológicas nos falares dos informantes de cada uma das localidades. Além disso, para situar um evento em um dia anterior ao anteontem, os informantes de Florianópolis usam o termo *tresantontem* (e suas variações fonológicas), diferentemente dos curitibanos, que não nominaram nenhuma vez o termo. Uma hipótese para o uso do termo pode estar associada a influência açoriana que há na ilha, que faz com que o termo esteja mais presente na vida dos informantes.

Vemos, pois, que as diferentes maneiras de localizar o tempo na fala refletem aspectos importantes, não sempre iguais dentro de um contexto genericamente chamado *vida urbana*. Mostram como as comunidades concebem o tempo, percebem a sua passagem ou os fenômenos diários. Salienta fatores importantes como a subjetividade, uma vez que os indivíduos podem não perceber a passagem do tempo da mesma forma. Tais aspectos se refletem no uso da língua, na atribuição de significados às diferentes palavras.

Referências

- BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande/MS: Ed. da UFMS, 1989. p. 129-149.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. da UEL, 2001.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LEXIKON Editora Digital. *Dicionário Aulete Digital*. [S.l.]: LEXIKON Editora Digital, 2007. Windows [XP/Vista/98/2000/2003/7].
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.
- PEREIRA, E. C. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1932.
- PINKER, S. Cortando os ares. In: PINKER, S. *De que é feito o pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 179-270.

ANEXO – Perguntas referentes ao campo semântico (3) *astros e tempo* do QSL.

22. AMANHECER
... a parte do dia quando começa a clarear?
23. NASCER (DO SOL)
O Que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?
24. ALVORADA
... a claridade avermelhada do céu antes de _____ (cf. item 23)?
25. PÔR (DO SOL)
E o que acontece no céu no final da tarde?
26. CREPÚSCULO
... a claridade avermelhada que fica no céu depois do _____ (cf. item 25)?
27. ENTARDECER
E quando o sol se põe?
28. ANOITECER
... o começo da noite?
29. ESTRELA MATUTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA MANHÃ/ ESTRELA-D'ALVA
De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?
30. ESTRELA VESPERTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA TARDE
De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?
31. ESTRELA CADENTE/ ESTRELA FILANTE/ METEORO/ ZELAÇÃO
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?
32. MUDAR/ CORRER UMA ESTRELA
E quando se vê uma _____ (cf. item 31), como é que se diz?
(IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE)
33. VIA LACTEA/ CAMINHO DE SANTIAGO
Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

34. MESES DO ANO
Quais são os meses do ano?
35. MESES COM NOMES ESPECIAIS
Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho, etc?
36. ONTEM
Hoje é segunda-feira, e domingo, que dia foi?
37. ANTEONTEM
... o dia que foi antes desse dia?
38. TRASANTEONTEM
... o dia que foi antes de _____ (cf. *item 37*) [e mais um dia para trás?]

Recebido para publicação em 16 de agosto de 2012
Aprovado em 14 de novembro de 2012